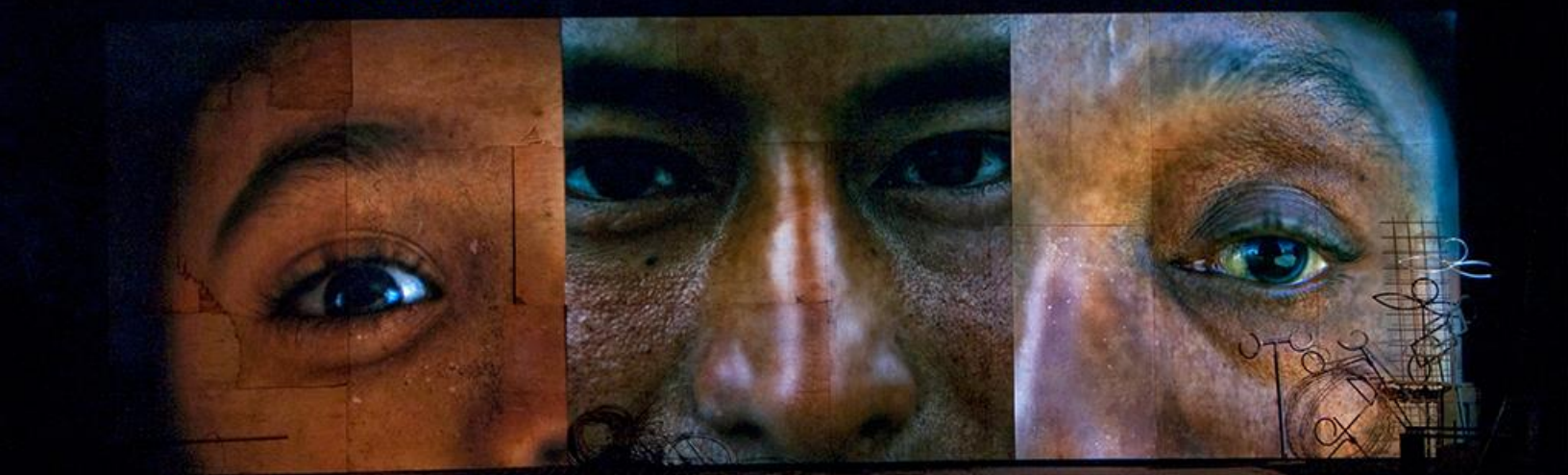
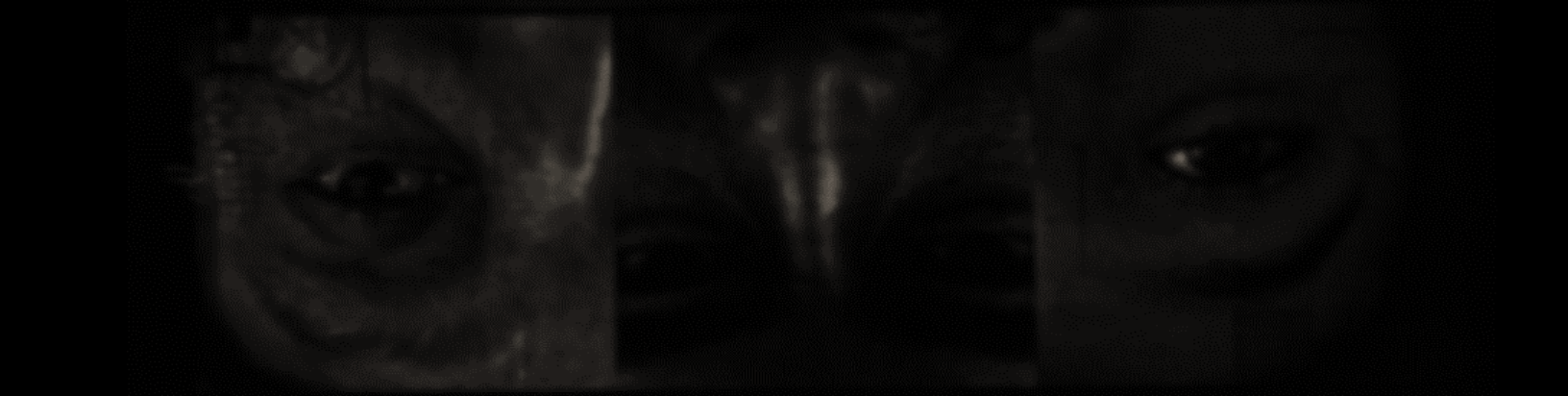
Revista
História
ISSN 1983-0831 .com.br



Ano 7, Número 1, Volume 1, Edição 2016

Abordagens da violência na América Latina: Aproximações, debates e estudos de casos



Via pacifica ou via armada

Os debates na esquerda revolucionária na década de 1960 através de duas organizações maoístas argentinas

Brenda Rupar

Considerações iniciais[1]

O incremento das organizações guerrilheiras e armadas na Argentina da década de 1970 tem sido não só objeto de estudo e debate no âmbito acadêmico, como também uma preocupação geral no momento de tentar compreender o passado recente. O objetivo do presente trabalho é apresentar o debate que teve lugar na esquerda revolucionária dos anos sessenta, com respeito ao caminho para o triunfo da revolução. O ponto de partida é o debate sobre as concepções da violência política de Hannah Arendt, usadas pela autora Claudia Hilb (2013) para invalidar as práticas daquelas organizações e partidos. Tentaremos repor tanto o que acontecia no Movimento Comunista Internacional com respeito às discussões da revolução, como o que acontecia na Argentina desses anos, para dar conta dos fundamentos que usaram os partidos maoístas que nos propomos estudar.

O objetivo deste artigo é apresentar um aspecto chave da emergência de duas organizações maoístas na Argentina, *Vanguardia Comunista e o Partido Comunista Revolucionario,* a partir das críticas que fizeram ao Partido Socialista e ao Partido Comunista daquele país, e de como se inseriram neste debate antes apresentado.

Ubicação histórica da problemática

O período entre 1955 e 1976 tem-se constituído como um campo específico de pesquisa na historiografia argentina. A instabilidade do sistema político, a ilegitimidade do poder do Estado, as recorrentes crises econômicas e a acentuação da luta política e social, foram características que chamaram a atenção dos historiadores e cientistas sociais sobre essa etapa iniciada com o golpe ao

[1] Desejo salientar que as citações serão mantidas em espanhol para não alterar o significado das fontes. No caso dos textos e a bibliografia geral, as traduções têm sido feitas pela autora.

ISSN 1983-0831

segundo governo peronista, e fechada dramaticamente com o início da última ditadura militar na Argentina. Em particular, a atenção tem-se concentrado nas organizações guerrilheiras que se conformaram desde metade da década de 1960 e ganharam protagonismo no começo da década de 1970. A violência política foi então assimilada por esse tipo de organizações. Porém, existiram também grupos e partidos da esquerda revolucionária, que embora não tenham adotado a guerrilha como forma organizativa, teorizavam e se preparavam para a conquista do poder político pela via armada.

Nesses 20 anos, com a proscrição do peronismo na maioria do período, a sucessão de governos democráticos débeis e os recorrentes golpes de Estado[2], grandes grupos da população foram se colocando em uma crescente desconfiança do regime parlamentarista. Paralelamente, o povo foi se radicalizando tanto nas suas demandas, como na defesa de direitos que tinha conquistado nos tempos anteriores (principalmente sob os governos de Juan Domingo Perón). Podemos observar confrontos permanentes no período com um salto qualitativo a partir de 1969, com o *Cordobazo* e outras mobilizações populares, e a (re) emergência do *classismo* no movimento operário.[3] A maioria das organizações do período - e não só da esquerda já que a radicalização foi um processo que atravessou as diferentes correntes e instituições - inclusive uma parte dentro da Igreja Católica - apelou à ação direta para conseguir alguma coisa ou se defender. Tomar as armas, significava para alguns, a via para a volta de Perón ao governo, e para outros, o início do caminho revolucionário - sobre o que havia diferenças também.

No caso argentino, uma das teorizações sobre a violência do período argentino foi elaborada pela doutora em Ciências Sociais, Claudia Hilb (2013). Em um artigo publicado, essa autora fez

[2] Desde o Golpe ao governo do Perón, em 1955, houve ditadura da "Revolução Libertadora" (1955-1958 com dois chefes de Estado; primeiro Lonardi e depois Aramburu), governo de Arturo Frondizi (1958-1962), saída obrigada do Frondizi e governo de Guido (1962), Governo de Arturo Illia (1963-66), golpe da "Revolução Argentina" (1966-1973, com três períodos: Ongania, Levingston e Lanusse), governo do Héctor Cámpora (1973), governo do J. Domingo Perón (1973-1974), governo de Isabel Martínez de Perón (1974-1976), golpe de Estado em 1976 e ditadura até 1983.

[3] Existe uma vasta bibliografia sobre isto. Cf. Balve, 1973; Brennan, 1996; Brennan, 2008; Nassif, 2012; Schneider, 2006; Tortti, 2009; Werner, 2009.

uma análise a partir das ferramentas conceituais oferecidas por Hannah Arendt no seu "Sobre a revolução" (Arendt, 2006). Retoma principalmente a ideia de que a violência tem duas formas de se interpretar, ou seja, reativa ou instrumentalizada. A primeira seria uma resposta a uma situação intolerável, onde nem a palavra nem o espaço público – para Hannah Arendt quase um sinônimo de política – teriam peso para resolvê-la. A segunda, pelo contrário, seria uma ação premeditada com o objetivo de ocupar um determinado lugar.

Voltando as lentes para o caso argentino, Hilb (2013) dividiu os anos 1969-1976 em duas etapas, as quais estariam vinculadas com esses tipos de violência: a primeira se corresponderia com o período 1969-1973 e a segunda com o triênio 1973-1976. A divisão, embora não esteja explicitada, responde a que em 1973 - e depois de muitos anos sem eleições ou eleições com proscrição de candidatos - o peronismo começou o seu terceiro governo e uma parte importante da sociedade foi encaminhada novamente para a institucionalidade.

Entendo, no entanto, que essa separação é pouco rica na análise dos tipos de mobilização e luta, porque não aprofunda nos atores e os motivos da mobilização. Com a divisão e a deslegitimação da atuação no segundo momento, acaba de alguma forma responsabilizando as organizações pelo Golpe de 1976. Para elem disso, a maior crítica que temos para com sua teoria é a ideia da violência como antipolítica (Hilb, 2013: 20; Arendt, 2006: 19). Em particular, as organizações de esquerda se nutriam dos escritos marxistas sobre o Estado e a violência e, concordemos ou não com os postulados teóricos, um dos princípios que a balizam é a ideia herdada do filósofo e militar alemã Carl Von Clausewitz de que "a guerra - ou a violência, neste caso - não constitui simplesmente um ato politico, mas uma verdadeira ferramenta política, uma continuação da atividade política, uma realização desta por outros meios" (Clausewitz, 2002). Invalidar a priori o acionar delas, impede conhecê-las mais profundamente no desenvolvimento que tiveram. Por isso achamos conveniente fazer dialogar as concepções gerais com a própria elaboração que foram fazendo os partidos que nos propomos analisar. A proposta é estudar essas organizações na lógica que propuseram no contexto no qual atuaram.

ISSN 1983-0831

A revolução em debate no Movimento Comunista Internacional

Na década de 1960, em um contexto convulsionado de Guerra Fria, lutas e movimentos de libertação nacional e social ao longo do mundo acontecia no interior do Movimento Comunista Internacional (MCI). Debate esse que teve por início o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) realizado em 1956[4], mas que se intensificou em começos da década de 1960 no que ficou conhecido como "debate sino-soviético". Essa discussão, que opunha diferentes concepções da situação mundial e o que devia ser feito e como, levou à ruptura dos vínculos entre o PCUS e o Partido Comunista da China (PCCH). Apesar dos intentos de manter as diferenças em segredo enquanto se desenvolviam os intercâmbios, várias razões contribuíram para que se conhecesse no mundo todo. Por esse motivo, acabou atravessando a política internacional do período e muito mais às organizações da esquerda (Hilb y Slutzky, 1984; Tortti, 2009; Partido Comunista da União Soviética, 1963).

Um dos pontos da polêmica era o acordo, conhecido como "coexistência pacífica", firmado entre a antiga URSS e os EEUU. Dado o grande prestigio que tinha o bloco socialista após a Segunda Guerra, e devido às possibilidades de uma nova guerra nuclear no marco da até então Guerra Fria, o PCUS afirmava que "la tarea primordial de los partidos comunistas consiste en cohesionar a todas las fuerzas amantes de la paz para preservar la paz y salvar a la Humanidad de la hecatombe nuclear" [5] (Partido Comunista da União Soviética, 1963: 13). Nesse sentido, acordaram com os Estados Unidos um cessar-fogo que permitiria mostrar a superioridade do socialismo no terreno econômico. Assim, afirmavam que "la coexistencia pacífica no excluye, sino, al contrario, crea una situación favorable para las transformaciones revolucionarias en la sociedad, no enlentece el proceso revolucionario

[4] Com ele, começaram a se afirmar questões que discutiam com noções tradicionais da esquerda revolucionária: a coexistência pacífica entre os EEUU e a URSS, a divisão internacional do trabalho no campo socialista e a possibilidade de trânsito pacífico ao socialismo.

[5] Considerando que o espanhol não apresenta sérias dificuldades para o leitor do português, as citações serão mantidas em espanhol para não alterar o significado das fontes. No caso dos textos e a bibliografia geral, as traduções têm sido feitas pela autora.

mundial, sino que contribuye a acelerarle" (Partido Comunista da União Soviética, 1963: 27).

Pelo contrário, o Partido Comunista da China se opôs a essa resolução:

> […] significa desorientar a la gente el no distinguir entre los enemigos, los amigos y los propios, y el confiar el destino de los pueblos, el destino de la humanidad, a la colaboración con el imperialismo norteamericano. […] Hemos considerado siempre que, con el propósito de denunciar y combatir la expansión armamentista y los preparativos bélicos del imperialismo, es necesario plantear la demanda de desarme universal. Por medio de la lucha conjunta de los países del campo socialista y de todos los pueblos del mundo, es posible obligar a los imperialistas a aceptar cierto tipo de acuerdo sobre el desarme.
> Si se considera el desarme general y completo como el camino fundamental de la lucha por la paz mundial, si se difunde la ilusión de que el imperialismo puede deponer voluntariamente las armas, y si se anula, so pretexto del desarme, la lucha revolucionaria de los pueblos y naciones oprimidos, esto significa engañar deliberadamente a los pueblos del mundo y ayudar a los imperialistas a aplicar su política de agresión y de guerra. (Partido Comunista da China, 1965: 27-28).

Seguindo a fonte, para os chineses, o Partido Comunista da União Soviética, estava confundindo aos partidos e à esquerda quando chamava a acreditar em possíveis acordos de paz com países imperialistas. Pelo contrário, propõem que a boa situação do campo socialista devia se aproveitar para impulsionar e apoiar lutas de libertação nacional e social que batessem no coração do próprio imperialismo (dos quais o pior, o mais agressivo, era o norte-americano) e os obrigassem a praticar a paz para com eles.

Vinculado ao ponto anterior, encontramos o debate sobre a possibilidade da transição pacífica ao socialismo, como tinha afirmado a URSS:

> […] La misión de la clase obrera y de los partidos comunistas consiste en *aprovechar al máximo las posibilidades existentes hoy día para seguir la vía pacífica, sin guerra civil, de la revolución socialista y, al mismo tiempo, estar preparados para la vía no pacífica*, para aplastar con las armas la resistencia de la burguesía; la lucha democrática general es parte integrante indispensable de la lucha por el socialismo" [grifos meus]. (Partido Comunista da União Soviética, 1963: 13).

Segundo eles, a superioridade do socialismo e a debilidade relativa do imperialismo permitiam pensar em um triunfo sem guerra civil, pelo que orientavam à luta parlamentaria como caminho para avançar. Claro, não descartavam a luta armada, mas não a colocavam como prioritária. Contra essa orientação os chineses rapidamente responderam que "Los comunistas preferirían siempre realizar la transición al socialismo por vía pacífica. Sin embargo, ¿se puede […]? No, de ninguna

manera." (Partido Comunista da China, 1965:19). Adicionaram que as revoluções sociais ao longo da história têm leis objetivas, independentes da vontade do homem, descobertas e desenvolvidas pela teoria marxista e que postular a evitabilidade não só era negá-la, mas também desconhecer que nenhuma revolução socialista tinha triunfado por esse caminho (Partido Comunista da China, 1965: 20-21).

Como consequência desse intercâmbio de acusações - e outras que fogem ao escopo deste artigo -, o Partido Comunista da China acabou acusando ao Partido Comunista da União Soviética de *revisionista*[6] do marxismo leninismo e o Partido Comunista da União Soviética de *esquerdista*[7] e *nacionalista* ao par chinês. Posteriormente, os chineses elaboraram que o revisionismo teórico e ideológico da URSS tinha como fundamento a restauração do capitalismo ali[8]:

> La camarilla revisionista de Jruschov ha renunciado a la dictadura del proletariado bajo la pantalla de 'Estado de todo el pueblo', ha alterado el carácter proletario del PCUS bajo la pantalla de 'partido de todo el pueblo' y ha abierto el camino a la restauración del capitalismo bajo la pantalla de edificación del comunismo en todos los frentes. (Partido Comunista da China, 1965: 434).

A partir desse momento, o bloco socialista rompeu-se, gerando uma forte crise no Movimento Comunista Internacional.

Na Argentina desses anos se conformaram diversas organizações que fizeram eco dessa situação e, se referenciando na Revolução Cubana e/ou nas críticas do Partido Comunista da China ao Partido Comunista da Unisão Soviética adotaram a via armada como única via possível e legítima de fazer a revolução.

O papel da violência na teoria marxista

> Nós fomos de fumo embriagados. Paz entre nós, guerra aos senhores. Façamos greve de soldados. Somos irmãos, trabalhadores. Se a raça vil, cheia de galas. Nos querem à força canibais. Logo verás que as nossas balas. São para os nossos generais. Internacional Comunista. A tradição de todas as gerações mortas. Oprimem como um pesadelo o cérebro dos vivos. (Marx, 2008: 18).

[6] Termo usado principalmente na esquerda para criticar e acusar a quem abandona ou abre mão do caminho da Revolução. No contexto do debate, o PCCh e os maoístas vão utilizá-lo para se referir direta ou indiretamente ao PCUS.

[7] Assim de chama dentro das organizações da esquerda a quem sem fazer uma leitura da situação concreta e o que tem que ser feito para avançar no caminho da revolução, diz que as condições são propícias para conquistar o poder.

[8] Também os acusaram de "social-imperialistas", mas excede ao nosso trabalho abordá-lo em profundidade.

Pode parecer um paradoxo que na esquerda dos anos 1960 - e na cúspide do movimento socialista - estivesse em debate se a via para a revolução era armada ou parlamentarista. Mas as duas grandes posições se baseavam nos clássicos do marxismo para justificar a escolha, só que entre eles se acusavam de "dogmáticos" - que aplicam a linha sem estudar a situação concreta e/ou as possíveis mudanças acontecidas - ou "revisionistas" - que como já apontamos, acusa a alguma organização ou pessoa de ter aberto mão da revolução.

Sendo testemunhas oculares do avanço da burguesia europeia e protagonistas da luta que começava a dar o incipiente proletariado, Marx e Engels afirmaram desde cedo que as mudanças profundas, revolucionárias, que implicaram e implicariam um cambio de época, só se resolveriam através da violência. É famosa a frase deles que diz que "a violência é a parteira da história". Embora não tenham avançado na conceituação, nem em uma Teoria do Estado, desde o Manifesto Comunista (1848) escreveram que seria através de uma revolução aberta e franca que "[...] o proletariado, pelo derrube violento da burguesia, funda a sua dominação" (Marx & Engels, 2007: 46) e que os comunistas rejeitam dissimular as suas perspectivas e propósitos. Declaram abertamente que os "seus fins só podem ser alcançados pelo derrube violento de toda a ordem social até aqui*."* (Marx & Engels, 2007: 85).

Posteriormente, a Comuna de Paris (1871), a Primeira Guerra Mundial (1914-1919) e a Revolução Russa (1917) se destacaram como eventos chave para o esboço da teoria revolucionária do Estado, o imperialismo e a conquista do poder por parte do proletariado. Os textos que mais sintetizaram a análise das causas do caráter do Estado burguês e a inevitabilidade da luta armada foram o "*Anti Dühring*" de Federico Engels (Engels, 2003) e o "Estado e a Revolução" de Lenin (Lenin, 2004). Neste último texto, depois da afirmação de que "O Estado é o produto e a manifestação do antagonismo inconciliável das classes" embora de que se mostre como por cima e por fora, se afirma que "[…] a libertação da classe oprimida só é possível por meio de uma revolução violenta e da supressão do aparelho governamental criado pela classe dominante e que, pela sua própria existência, "se afasta" da sociedade" (Lenin, 2004:23).

ISSN 1983-0831

A teoria por eles formulada parte de que embora no início - da historia das sociedades "civilizadas" - o poder político haja sido resposta à necessidade da organização econômica e social, com o tempo teria sido estabelecido para oprimir às classes produtoras da sociedade através da monopolização do aparato coercitivo - representado em última instância no Exército. Também, que atualmente só funcionaria como trava e instrumento de dominação. A violência revolucionária seria uma violência diferente, contestatária e superior à violência opressiva, em tanto que aquela está colocada em função da libertação da humanidade e do fim da exploração. Contraditoriamente, os homens teriam sido colocados na situação de que pra se libertar e acabar com a violência tem que opor outro tipo de violência (Engels, 1964).

Sendo o comunismo o fim da luta do proletariado, o qual necessariamente deveria passar por um Estado socialista, uma ditadura do proletariado - ou seja, um Estado de Novo Tipo onde o poder político e da violência estaria nas mãos de outra(s) classe(s) expressando à maioria da sociedade -, cada país e cada partido deveria analisar a própria situação para formular as táticas mais justas, em termos políticos, em cada momento.[9]

É sobre este último tema, a valoração do momento político, que existia uma forte discussão no MCI: para o Partido Comunista da União Soviética, Partido Comunista da China não entende que o socialismo deve pensar como ajudar ao triunfo do socialismo do modo " mais rápido e menos penoso" iludindo a real possibilidade da guerra termonuclear com os Estados Unidos, e que "para cumplir su misión histórica los comunistas tienen que mantener fidelidad inquebrantable al marxismo-leninismo saber aplicar con sentido creador sus principios en la situación histórica concreta." (Partido Comunista da União Soviética, 1963:3). E indirectamente falando daqueles, dissem que nas "circunstancias presentes el dogmatismo, el sectarismo, el aventurerismo y la fraseología revolucionaria están convirtiéndose en un peligro cada día más evidente para el movimiento

[9] Assim, foi o próprio Lenin após a Revolução de Outubro que criticou o "esquerdismo" dos alemães ao tratarem de fazer a revolução sem forças revolucionarias. Os orientou a usar o Parlamento e a propaganda como forma de ganhar apoio e adeptos à causa para, depois sim, levar a cabo a insurreição armada.

comunista." (Partido Comunista da União Soviética, 1963:9)

Para o Partido Comunista da China, dizer que as novas condições de luta (inclinadas no pós-segunda guerra a favor do campo socialista) permitiam pensar no trânsito pacífico ao socialismo, não significaria mais do que desconhecer e trair o marxismo-leninismo. Para eles, a flexibilidade da aplicação da que falavam resultava irônica, pelo que exemplificaram com o caso espanhol:

> El Partido Comunista de España se ve acosado, desde hace tiempo, por el terror blanco, no tiene ni la menor oportunidad de participar en las elecciones. Pero, los dirigentes de este partido, como Dolores Ibárruri, también siguen a Jruschov y predican la "transición pacífica" en España. Esto es absurdo y trágico. (Partido Comunista da China, 1965: 406)

O debate sobre a via fez eco e atravessou às organizações, principalmente aquelas do movimento operário e popular e à esquerda. E, na América Latina, as preocupações sobre a revolução conjugaram-se com a situação própria de cada país e com a novidade que significou o triunfo da Revolução Cubana e a primeira experiência socialista do continente. O episodio entusiasmou aos jovens da época e mostrou para o mundo que o socialismo era possível, até mesmo na frente dos Estados Unidos. E tinha triunfado não de qualquer jeito, mas sim pela via armada (Rupar, 2011; Rodrigues Sales, 2005).

Apesar desse fato, ainda em 1961, Ernesto "Che" Guevara voltou sobre a ideia e os debates que estavam acontecendo. No texto "Cuba, ¿excepción histórica o vanguardia en la lucha contra el colonialismo?" escreveu:

> Quando se fala em alcançar o poder pela via eleitoral, nossa pergunta é sempre a mesma: se um movimento popular ocupa o governo sustentado por ampla votação popular e resolve em consequência disto iniciar grandes transformações sociais que constituem o programa pelo qual se elegeu, não entrará imediatamente em choque com os interesses das classes reacionárias desse país? O Exército não tem sido um instrumento de opressão a serviço destas classes? Não será então lógico imaginar que o exército tomará partido por sua classe e entrará em conflito com o governo eleito? Em consequência pode ser derrubado por meio de um golpe de Estado e aí recomeça de novo a velha história. (Guevara, 1961).

Dentro da polémica descrita, a Revolução Cubana e as posições do "Che" Guevara dentro dela, eram entendidas como uma atualização de uma teoria - a marxista - que até podia ser criticada por alguns como antiga e estrangeira. Uma grande parte da juventude latino-americana abraçou essa experiência e aos seus heróis, achando

ISSN 1983-0831

neles um modelo para as revoluções no continente.

A crise na esquerda Argentina

Em um contexto mundial de radicalização, lutas e revoluções, na Argentina na década de 1960 se conformaram as chamadas organizações da "Nova Esquerda" que atuariam nos anos seguintes. Nesses anos, produziram-se as maiores rupturas dos Partidos Socialista (PSA) e Comunista (PCA) daquele país, e em ambos os casos - seja já no começo, ou mesmo depois de alguns anos - uma parte adotou o maoísmo como vertente teórico-político. O apoio às listas opositoras a Perón - ou a conformação de listas junto com partidos da direita local -, a ideia de que os trabalhadores peronistas sofriam de "falsa consciência", as confusas autocríticas e até a participação direta ou indireta no Golpe de Estado de 1955, contribuíram a aprofundar outros grandes debates - prévios ou novos - que acabaram influindo nas rupturas desses partidos nos anos 60s. Neste trabalho vamos nos concentrar nos dois maiores partidos marxistas-leninistas-maoístas que se conformaram nesse período na Argentina: *Vanguardia Comunista* e o *Partido Comunista Revolucionario*. Apontar que são os maiores implica reconhecer que não foram os únicos. As simpatias pela Revolução Chinesa de 1949 começaram antes, e influenciaram outras pessoas e organizações, só que não chegaram a ser o fundamento político-ideológico como aconteceu nestes casos que vamos tratar.

Vanguardia Comunista (VC) foi o primeiro em se constituir como partido e adotar o maoísmo. Surgido do *Partido Socialista Argentino de Vanguardia* (PSAV) que tinha sido criado no ano 1961 do PSA pelas críticas que fez à direção pelo tratamento ao peronismo e o apoio ao Golpe de 1955, rapidamente encontrou os limites em um grupo que tinha se fundado basicamente pela oposição à direção anterior: a necessidade de "virar" à classe trabalhadora peronista – significa tentar dirigi-los - se confundiu com o chamado "entrismo", como se denominou à pratica de se inserir no Partido Justicialista ou nos agrupamentos que este fazia, sem nenhuma intenção de disputar a linha politica deles (Semán, 1964: 51).

ISSN 1983-0831

A crise manifestou-se em 1963 e no ano 1965, mais precisamente em abril, um grupo de alguns poucos militantes começaram o caminho de formação de uma nova organização, adotando o nome de *Vanguardia Comunista*.

O *Partido Comunista Revolucionario* (PCR) constituiu-se produto da maior ruptura do Partido Comunista Argentino no século XX. Uns 4000 militantes principalmente da "Federación Juvenil Comunista (FJC)" e o Partido resolveram, ao início de 1968 e depois de vários meses de intenso conflito interno, se constituírem *como Comité Nacional de Recuperación Revolucionaria del Partido Comunista Argentino* (CNRR). Através dele tentavam tensionar e aprofundar os debates políticos dentro do PCA. A última crise explodiu em 1966, quando aconteceu o Golpe de Estado de Juan Carlos Onganía e um grupo acusou à direção do Partido de ter não só embelecido o governo do radical Arturo Illia (1963; 1966), como também de ter feito um jogo político com as direções sindicais traidoras que favoreceram o Golpe.

Como se sabe, os primeiros anos das organizações conformadas são chave para estudar as primeiras definições que fazem, que geralmente incluem diferenças e debates com outros espaços políticos. Mais ainda nestes casos, onde os partidos resultaram de fraturas e desprendimentos de partidos maiores. É importante sinalar que no caso do VC, embora tenham saído do PSA, eles se reconheceram como herdeiros da tradição que em algum momento soube ter o PCA. Em um documento dos primeiros anos escreveram que "en la Argentina fueron los mejores militantes del movimento obrero los que se reunieron en el Partido Comunista*"* (AAVV, 1965, p.123) e que, como parte da luta internacional contra o "revisionismo", eles deviam recuperar esse caminho. Assim, os dois partidos vão disputar a linha, espaços e militantes do PCA.

Em função do anteriormente colocado, nos concentraremos na reflexão e os postulados sobre a via da revolução na Argentina. Considerando o grande debate que estava tendo lugar no MCI, é da maior importância olhar o que estes partidos diziam a respeito.

O caminho para a revolução na Argentina, nas interpretações de Vanguardia Comunista e o Partido Comunista Revolucionário. A

Vanguarda Comunista definiu que desde o seu início:

> Al incorporarnos a la lucha mundial contra el revisionismo ubicando el papel conductor del Partido Comunista Chino, refirmamos la necesidad de constituir el destacamento organizado de la clase obrera, su vanguardia, su Partido. (AAVV, 1964, s/d).

Essa definição foi feita conjuntamente com a adoção de varias das premissas que balizaram a revolução chinesa - algumas das quais criticaram posteriormente - [10], mas também com um posicionamento dentro do debate que a China mantinha com a URSS. Em 1964, entre os primeiros documentos que fizeram no caminho à criação do Partido, encontramos "Derrotemos al revisionismo", um escrito no qual denunciavam e criticavam as concepções tanto do PCUS como do PCA

> El revisionismo ha proclamado la existencia de dos formas del acceso al poder del proletariado, las que consistirían en las vías pacífica y no pacífica(…) No es posible sostener la concepción leninista del Estado y deducir las formas de lucha de la clase obrera contradictoriamente con esta concepción, ni tampoco es posible defender la tesis del tránsito pacífico al socialismo y mantener en pie una caracterización del Estado que denuncia su esencia en la violencia de las clases explotadoras sobre las clases explotadas […]. (AAVV, 1964, s/d).

O caminho parlamentarista na Argentina mostrava-se incerto no período, tal como descrevemos acima. De fato, o desprendimento do PSAV do PSA, e posteriormente o do VC, aconteceu no contexto de um grande triunfo parlamentarista desse partido - a eleição do histórico dirigente Alfredo Palácios para senador e posteriormente para deputado.

Frente ao trânsito pacífico, Varguardista Comunista:

> Cuando los revisionistas proclaman las formas de lucha pacíficas como las adecuadas para la toma del poder por el proletariado, están realizando una práctica que coincide con la idea burguesa del Estado y que, por lo tanto, es una práctica burguesa.[…] tanto el acceso al poder del proletariado no se resuelve a través de la lucha pacífica en la democracia, sino afirmando el poder de la clase obrera con el ejercicio de todas las formas de lucha, que en su desarrollo superior asumen la calidad de lucha armada. (AAVV, 1964: s/d).

Elías Semán, um dos principais dirigentes de Varguadista Comunista, tinha viajado a Cuba para se aperfeiçoar na sua formação - sobretudo militar - [11] e ao regresso dele, as influências fizeram se

[10] Sobre este aspecto: Cf. RUPAR (2014)

[11] Muitas organizações dessa época enviavam militantes para ali. Muitas delas tinham lido a experiência cubana só como um triunfo armado a partir da formação de guerrilhas nas áreas rurais e viajaram a Cuba para se aperfeiçoar - algumas outras organizações misturaram formas e praticaram guerrilherismo urbano.

sentir ao interior da organização. Sobre qual foi o tipo de repercussão existem divergências: por um lado, Semán publicou em 1964 "*El Partido Marxista Leninista y el guerrillerismo*", um folheto onde avança na disputa com outras correntes e em este caso o faz com os *antirevisionista*s que caem no *esquerdismo*. Entre eles estariam os *guerrilheristas*, termo depreciativo usado para aqueles que só "exaltan uma técnica", "son aventureros" y "escinden los elementos objetivos y subjetivos para hacer una revolución [...] negando la teoria leninista del Partido" (Semán, 1964). Contudo, em escritos mais recentes dos Partidos que ainda disputam o legado de Vanguardista Comunista, se fala que o debate não estava saldado[12] e que apesar das críticas ao *foquismo*[13], o partido não conseguiu fazer nada alternativo.

Fica claro nesse documento, que estavam definindo uma linha teórica ao mesmo tempo em que disputavam com outras correntes e organizações políticas. Mais na frente no texto, também vão criticar o tipo de impugnação que fazia o PCA à experiência guerrilheira que fazia o Ejército Guerrillero del Pueblo (EGP) em Salta, no noroeste da Argentina. Segundo Semán, eles só a faziam desde a defesa do pacifismo burguês. Nas suas palavras:

> Dicha dirección [a do PCA], afectada de una incurable desviación derechista, sólo puede contestar las desviaciones de "izquierda" desde la derecha, con los métodos y la ideología de la burguesía. Así su crítica a la lucha armada librada por los compañeros de Salta, no es una crítica al guerrillerismo, sino una defensa de la vía pacífica para la toma del poder y una condena de la lucha armada para la toma revolucionaria del poder. (Semán, 1964:60)

Embora "la negación de los caminos incorrectos es un momento en la afirmación del camino justo" (Semán, 1964:61), a crítica ao guerrilherismo devia ser desde posições certas, deixando de fora o "revisionismo".

Sobre a coexistência pacífica, como forma de garantir a paz mundial, afirmavam que:

> La renuncia a la concepción leninista sobre el imperialismo y la paz, sobre el Estado y la revolución proletaria, definen los aspectos esenciales del revisionismo contemporáneo […] Los revisionistas contemporáneos, al igual que sus antecesores, subordinan la lucha por el socialismo a la lucha por la paz, desconociendo que el objetivo principal de la lucha del proletariado mundial consiste en socavar, debilitar y derrumbar el poder del imperialismo. […] pintan de bellos colores el pacifismo de los imperialistas. Así desarman políticamente a las masas en la

[12] Referimos principalmente ao texto de Américo Soto (2004)
[13] Isto é, a ideia de que um grupo isolado pode e deve ser o inicio do movimento revolucionário.

> lucha contra el principal generador de la guerra y enemigo de la paz, para obtener, a cambio de esto, la coexistencia pacífica entre Estados al precio de la coexistencia de los pueblos oprimidos con la dominación imperialista […] Se trata de un precio demasiado oneroso, y a cambio de un objetivo -la paz mundial- cuya conquista no reside en la conversión de los imperialistas sometidos a la ley de la ganancia en defensores de la paz, sino en el poder del campo socialista y en la lucha de los pueblos oprimidos contra el imperialismo. (AAVV, 1964: s/d).

Aliás, como prova de que se trata de um caminho errado, trazem no documento os casos do Brasil e do Chile para mostrar a impossibilidade de triunfar por essa via[14]. Isto seria assim, porque frente à possibilidade de mudanças profundas, as classes dominantes sempre acabaram por se impor pela força. O desarme nestes casos tinha impedido que o povo defendesse as reformas pelas quais lutava.

Nesse sentido, uma das conclusões às que chegam e que balizam a sua formação é que "*los revisionistas*, con los actuales dirigentes del PCUS a la cabeza, *son los principales enemigos* infiltrados en las filas *del proletariado mundial*." [grimos meus] (AAVV, 1964: s/d).

O PCR conformou-se principalmente com os militantes que vinham da ruptura da FJC e do PC e outras organizações e militantes. Segundo Otto Vargas - Secretário Geral do Partido Comunista Revolucionário, PCR, desde os inícios -, era uma *melánge*. Tinham quatro ou cinco pontos em acordo, e o primeiro era a luta armada (Andrade, 2005:35). Para eles, a ruptura com o PC ia junto com os questionamentos que faziam ao Partido de confiar na burguesia para ser a direção do movimento revolucionário. Essa crítica e a da adoção da via pacífica se entrelaçavam em um todo coerente:

> Claro que si no será nuestra clase [refere-se ao proletariado. Nota da autora] la que "abrirá las puertas" de la Revolución, o al menos intentaremos que lo haga, no hay apuros en definir problemas como el de las vías de la revolución. De allí que hayamos sido el único partido en América Latina que tomó literalmente la Declaración de 81 Partidos[15] referente a

[14] "Mientras el imperialismo ha decidido transitoriamente la situación en Brasil y Chile, utilizando en el primer caso la vía violenta y en el segundo la vía pacífica, el revisionismo ha sido incapaz de preparar a las masas para enfrentar la violencia del imperialismo desarrollando la lucha armada, y ha sido incapaz de preparar a las masas para comprender el carácter de un proceso electoral controlado por el imperialismo. Por el contrario, ha sembrado ilusiones acerca de la posibilidad de tomar el poder pacíficamente, respetando los supuestos básicos del Estado y siendo respetados por éste. El proletariado y el pueblo de Brasil y Chile, pagan hoy el precio de estas ilusiones sembradas por el revisionismo." (AAVV, 1964: s/d).

[15] Em 1957, nos inícios do confronto no MCI, se fez uma Declaração dos Partidos Comunistas que

> la vía de la revolución, que se refiere a las posibilidades mundiales que permitirían para el proletariado de ciertos países el acceso relativamente pacífico al poder, y la situación que obliga al de otros países a seguir la vía no pacífica […] Nuestro Partido la trasladó a su línea partidaria sin definir *cuál* de las vías (pacífica o no pacífica) es la nuestra, siendo claro que ese problema, desde el punto de vista estratégico, *no es opcional*. [grifos meus] (Partido Comunista Revolucionário, 2003: 73-74).

Mais na frente dirão que essa aparente indefinição sobre a via no PCA era usada pelos dirigentes para evitar as críticas ao interior, mas que as posições ficavam menos confusas ou ambíguas em instâncias internacionais das quais participavam alguns deles (que pelo rol que tinham no Partido eram as oficiais). Como exemplo, citam a Victorio Codovilla (um dos máximos dirigentes do PCA), quem no discurso que fez ante o XXIII Congresso do PCUS, declarou que "El lema de nuestro partido - o PCA - es: "por la acción de las masas, hacia a conquista del poder". El camino a seguir para conseguir este objetivo *puede ser el pacífico o el no pacífico* (Partido Comunista Revolucionário, 2003:73-74), mas umas semanas mais tarde, no Congresso do PC da Tchecoslováquia disse "[...]nos proponemos marchar hacia ese objetivo por la vía pacífica[...] " (Partido Comunista Revolucionário, 2003:74).

No libro "El gordo Antonio" (2008), Pilar Sánchez relata a vida de César Gody Álvarez, um reconhecido militante do PC e do PCR após a ruptura. Resultado de materiais partidários e de entrevistas feitas a camaradas do Gody Álvarez, se soube que ele fazia parte do aparato militar do PC e que até tinha sido enviado a Cuba entre 1963 e 1964. Ao regressar, e produto de uma discussão com a direção, foi castigado e despromovido das tarefas que tinha.

> Los relatos también coinciden en que el castigo responde a diferencias políticas: Gody forma parte de los cuadros donde crece el malestar con la dirección y la línea oficial del PC, que va a terminar definitivamente la ruptura. Por otro lado, como rebote de la línea de "coexistencia pacífica", el PC desguaza su aparato de autodefensa y el llamado frente militar. (Sanchez, 2008: 51).

Os depoimentos dariam conta de que a despromoção tinha um duplo caráter: por um lado, tirar do meio a dirigentes que se opunham à direção; por outro, dava conta da subestimação da área.

Em outubro de 1968, elaboraram um texto preparatório para o XIII

foi assinado por 81 Partidos. As definições foram amplias e permitiram que tanto ao PCUS como ao PCCh se referenciassem nele, defendendo os princípios que tinham acordado.

Congresso do PCA [16] que afirmou o caminho que pensavam seguir, e que sentou as bases e definições com as que se constituíram em PCR, nome adotado em março de 1969. Uma das principais definições tem a ver com a reafirmação da via armada através da insurreição "porque es la que permite mejor al proletariado hegemonizar la revolución y llevarla al socialismo. Dado el carácter de la revolución se trata de una insurrección armada de todo el pueblo hegemonizada por el proletariado[…]" (Partido Comunista Revolucionário, 2003: 151).

Mas nesse sentido, também esclarecem que lutam ideologicamente contra o foquismo, porquanto desenmarca la lucha armada de la lucha de clases, pretendiendo suplantar al Partido por el foco guerrillero. En las condiciones de nuestro país, esto supone subordinar al proletariado a capas no proletarias" e contra o terrorismo como estrategia, "que no permite la incorporación de las masas a la lucha armada ni resuelve la destrucción del aparato estatal burgués." (Partido Comunista Revolucionário, 2003: 153).

Chama atenção que, para discutir sobre a concepção da transição pela via pacífica, criticarão especificamente ao PC e nada à URSS, da qual só vão trazer exemplos de grandeza. Algo similar ocorre sobre a "coexistência pacífica", quando criticam desvios à interpretação e o significado que realmente tem, mas não falam do Partido Comunista da União Soviética nem apoiam a análise do Partido Comunista da China; porém, como podemos ler a continuação, coincidem quase totalmente com ele:

> […] asistimos a un enfrentamiento global de los pueblos con el imperialismo en el plano mundial.[...] El fortalecimiento del campo socialista, el cambio en la correlación de fuerzas, han impedido al imperialismo yanqui definir por medio de la guerra mundial la situación internacional […] El incremento de las luchas revolucionarias de los pueblos contra el imperialismo, una firme política de los países socialistas de ayuda y de rechazo de las agresiones, son las condiciones para derrotar al imperialismo, asegurar nuevas victorias revolucionarias […] y así disminuir también las posibilidades del imperialismo de desencadenar una guerra termonuclear.
>
> Por eso la concepción del internacionalismo […] es golpear al imperialismo, crearle dificultades en cada país […] Los países socialistas tienen una política tendiente a crear las condiciones para la coexistencia pacífica, cuyo objetivo es contribuir al éxito de la batalla por el socialismo en todo el mundo, sin guerra mundial.[…]Esta política dista tanto de las acciones aventureras […] como del acomodamiento al "statu quo" que anula la revolución. Es necesario combatir la

[16] Lembremos que ainda tentavam disputar dentro daquela organização

> tendencia oportunista a subordinar la revolución a la coexistencia. La lucha por la revolución […] es el objetivo, la razón d ser de los partidos comunistas. […] El desarrollo de la lucha revolucionaria de los pueblos constituye el primer y fundamental elemento de la lucha por la paz, contra la guerra. (Partido Comunista Revolucionário, 2003: 137-139).

A diferença de VC, este partido não adotou o maoísmo no começo. Pelo contrario, acusavam que "se han desarrollado tendencias y prácticas ajenas al marxismo-leninismo; dogmáticas, divisionistas, nacionalistas y oportunista de izquierda, que tienen su expresión más acabada en la línea actual del Partido Comunista de China" (Partido Comunista Revolucionário, 2003: 142). Alguns anos depois começariam a se aproximar até finalmente adotá-lo como fundamento teórico no Congresso de 1974.

ISSN 1983-0831

Considerações finais

> "Métale a la marcha, métale al tambor, métale que traigo un pueblo en mi voz. Métale a la marcha, métale al tambor, métale que viene la revolución".
>
> (Mercedes Sosa, "Hermano dame la mano", 1973)

Na Argentina, as tentativas que haviam levado a cabo as classes dominantes, desde 1955, para flexibilizar ou diretamente apagar algumas conquistas operárias do período anterior, se toparam com um grande desenvolvimento das organizações sindicais, posições políticas dos operários (peronistas, na sua maioria) e com uma crescente combatividade por parte dos trabalhadores. A opção de Perón pela variável tempo (nas vésperas do golpe de 1955, ele disse que "Entre la sangre y el tiempo elijo el tiempo, y si hemos tenido razón con seguridad volveremos") não poupou sangue no povo argentino, que nos seguintes anos viria a confrontar-se com a repressão, perseguições e mortes. Contudo, a população continuou se organizando e lutando. Na ausência do líder que se encontrava exiliado, vários dirigentes começaram a disputar a direção do movimento (alguns desde dentro e outros desde outras vertentes e correntes políticas). Os tradicionais partidos socialista e comunista ainda tinham dificuldades para lidar com o peronismo e os operários peronistas. Os erros e debates foram se aprofundando compassando um mundo e uma Argentina que se radicalizava.

A década de 1960 encontrou ao MCI com intensos debates de linha que repercutiram de um ou outro modo no interior de cada processo e organização

política que tinha existência. Face à realidade, tida como revolucionaria, devia-se tomar posição e intervir adequadamente. No caso de VC e o PCR, os partidos que nós apresentamos, entenderam que o caminho que defendia o PC (baseado em princípios da URSS) não estava dando certo e que ia "degenerando" alguns princípios do marxismo-leninismo. Foi nessa conclusão, que mais cedo ou mais tarde, as duas se inclinaram por se alinhar com o PCCh.

Cabe assinalar que, mesmo como eles ressaltam, a questão da via armada ou pacífica era uma das questões principais que os dividiu inicialmente das organizações mãe. Porém, as duas adotam via armada com mais ou menos ferramentas teóricas para distinguir entre tática e estratégia, de modo que nas eleições gerais obrigatórias no período estudado (até a ditadura de 1976), vão sempre chamar para o voto em branco ou nulo.

Referências

ARENDT, Hanna, *Sobre la revolución*. Alianza editorial, 2006.

BALVE et al. *Lucha de calles, lucha de clases.* Buenos Aires: Ediciones La Rosa Blindada, 1973.

BRENNAN, James. *El Cordobazo*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana 1996.

_____.; Mónica GORDILLO. *Córdoba Rebelde***:** el Cordobazo, el clasismo y la movilización social, La Plata: Ed. De la Campana, 2008.

CLAUSEWITZ, Karl. *De la Guerra***.** Ed. Libro dot.com, 2002. Disponível em: <http://lahaine.org/amauta/b2-img/Clausewitz%20Karl%20von%20-%20De%guerra.pdf>. Acesso em: 10 mar 2015.

ENGELS, Federic. *La revolución de la ciencia de Eugenio Dühring ("Anti-Dühring*"). Lima: Ed. Bandera Roja, 2003.

ENGELS, *F.*: *El origen de la familia, de la propiedad privada y del Estado.* Claridad, Buenos Aires, 1964.

GORDON CHILDE, V. *Los orígenes de la civilización*, FCE, México, 1954

HILB, Claudia. *Usos del pasado*. Qué hacemos hoy con los setenta. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013.

HILB, Claudia y LUTZKY, Daniel, *La nueva izquierda argentina*: 1960-1980 (política y violencia), Buenos Aires: CEAL, 1984.

LENIN, Vladimir, *El Estado y la Revolución*. Buenos Aires: Nuestra América Editorial, 2004

MARX, Karl y ENGELS, Federico. *El manifiesto comunista*, Valladolid: Ed Maxtor, 2007.

MOLINA, Carlos. El tema de la violencia en los clásicos del marxismo-leninismo. *Revista Filo Univ*. Costa Rica, XXI (53),1-13,1983.

NASSIF, Silvia, *Tucumanazos.* Una huella histórica de luchas populares 1969-1972, Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, Facultad de Filosofía y Letras, 2012.

RODRIGUES SALES, Jean, O impacto da revolução cubana sobre as organizações comunistas brasileiras (1959-1974). Tese (doutorado) - *Universidade Estadual de Campinas*, UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. São Paulo, 2005.

RUPAR, Brenda, Cuba y el debate sobre la construcción del socialismo. *Revista Pensar Históricamente.* Pasado, Presente, Futuro. Año 1, N 1, pp 44-51. Buenos Aires, 2011.

_____. As posições políticas e as práticas do partido Vanguardia Comunista frente à Ditadura da "Revolução Argentina" (1966-1973). Florianópolis: *Anais do II Seminário Internacional História do Tempo Presente*. 13 a 15 de outubro de 2014.

SANCHEZ, Pilar. *El gordo Antonio.* Buenos Aires: Ágora, 2008.

SCHNEIDER, Alejandro, *Los compañeros.* Trabajadores, Izquierda y Peronismo 1955-1973, Buenos Aires: Imago Mundi, 2006.
SOTO, Américo, *Vidas y Luchas de Vanguardia Comunista.* Tomo I, Buenos Aires: Nuevos Tiempos, 2004
TORTTI, María Cristina. *El "viejo" partido socialista y los orígenes de la "nueva" izquierda*. Buenos Aires: Prometeo, 2009.
WERNER, Ruth y AGUIRRE, Facundo. *Insurgencia obrera en la Argentina 1969-1976.* Bs. As: Ed. IPS, 2009.

Fontes

GUEVARA, Ernesto, Cuba, ¿excepción histórica o vanguardia en la lucha contra el colonialismo?, 9 de abril de 1961.
SEMÁN, Elías, El Partido Marxista Leninista y el guerrillerismo**,** Buenos Aires: Ed No Transar, 1964. Usamos versión editada por El Topo Blindado, 2013.
AAVV, Derrotemos al Revisionismo Bs As: Ed. No Transar, 1964
PCUS, Por el triunfo del marxismo – leninismo creador. Contra la revisión del rumbo del Movimiento Comunista Mundial, revista "Kornmunist" nº 11, 1963. Disponível em: www.marxists.org/espanol/tematica/china/documentos/revisionista>. Acesso em: 10 jul 2014.
PCCh, Polémica acerca de la línea general del Movimiento Comunista Internacional, Pekín: Ediciones Lenguas Extranjeras, 1965. Digitalización realizada por el Partido Comunista Revolucionario del Uruguay (no texto usaremos sempre a data de 1965, embora sejam artigos de 1957 até 1964). Disponível em: <www.marxists.org/espanol/tematica/china/documentos/revisionista>. Acesso em: 10 ago 2014.
PCR, "Documentos aprobados desde la ruptura con el PC revisionista hasta el 1ª Congreso del PCR (1967/1969)", Publicaciones 35ª aniversario del PCR, Tomo 1, 2003. (no texto usaremos sempre a data de 2003, embora sejam artigos e documentos dos anos 67 até 69)

ISSN 1983-0831